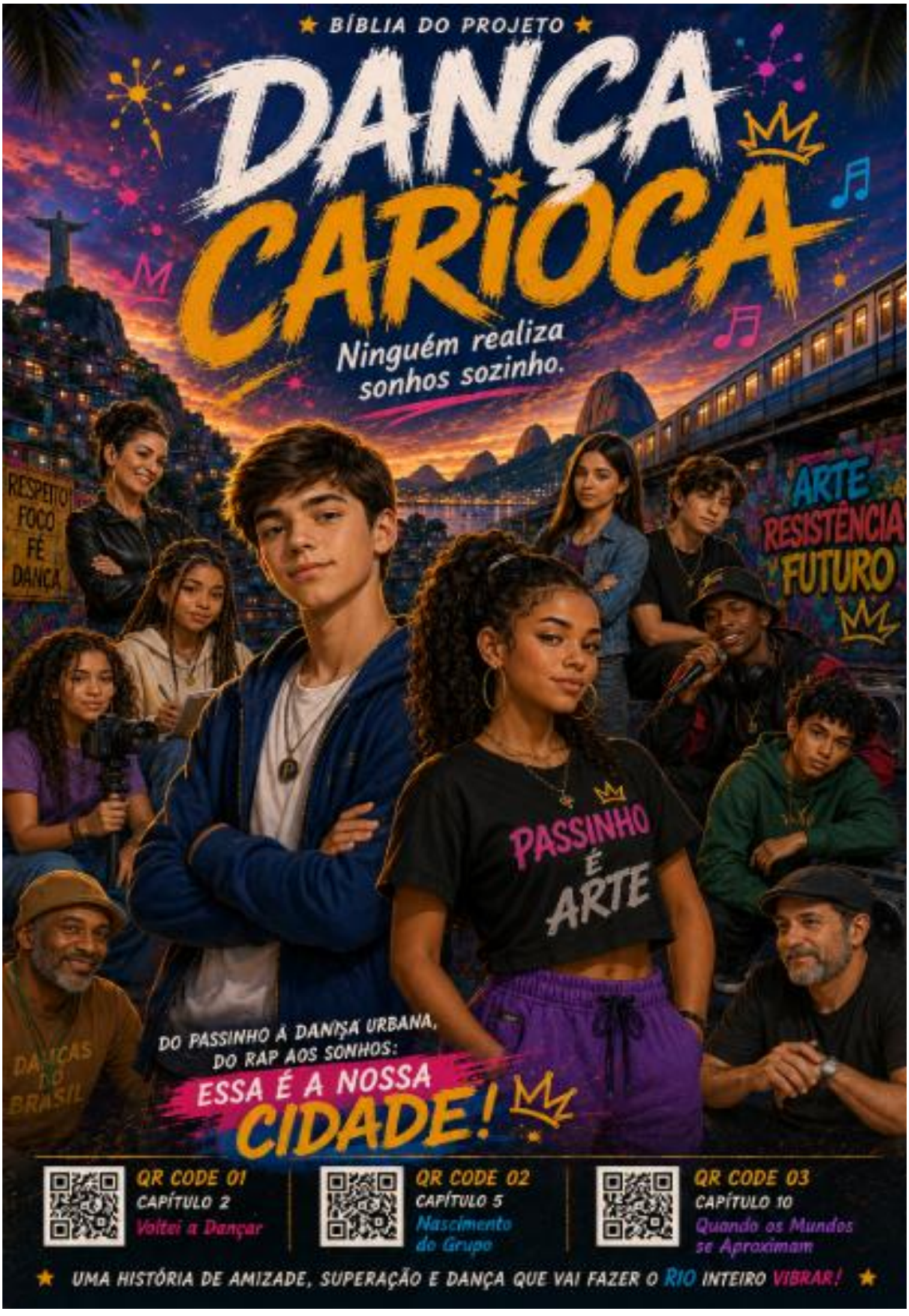

BÍBLIA DO PROJETO
DANÇA CARIOCA
Ninguém realiza sonhos sozinho.
RESPEITO
FOCO
FÉ
DANÇA
ARTE
RESISTÊNCIA
FUTURO
PASSINHO É ARTE
DO PASSINHO À DANÇA URBANA,
DO RAP AOS SONHOS:
ESSA É A NOSSA CIDADE!
QR CODE 01
CAPÍTULO 2
Voltei a Dançar
QR CODE 02
CAPÍTULO 5
Nascimento do Grupo
QR CODE 03
CAPÍTULO 10
Quando os Mundos se Aproximam
UMA HISTÓRIA DE AMIZADE, SUPERAÇÃO E DANÇA QUE VAI FAZER O RIO INTEIRO VIBRAR!

DANÇA CARIOCA

Bíblia Literária do Projeto

Branca Duboc Pedrinha & Paulo Carvalho

Romance juvenil | Documento de desenvolvimento editorial

SUMÁRIO DE TRABALHO

1. Identidade da obra
2. Logline, premissa e sinopses
3. O concurso Danças do Brasil
4. Manifesto: a arte une mundos
5. Temas centrais
6. O Rio de Janeiro como personagem
7. A periferia como potência cultural
8. Os grupos e os núcleos da narrativa
9. Personagens principais e secundários
10. Relações fundamentais
11. Estrutura dramática e capítulos
12. Guia de continuidade
13. QR Codes, música e expansão transmídia
14. Potencial editorial e audiovisual
15. Glossário afetivo da obra

1. IDENTIDADE DA OBRA

Dança Carioca é um romance juvenil ambientado no Rio de Janeiro, narrado em primeira pessoa alternada por dois adolescentes de treze anos: Gui e Ariana. A obra acompanha o nascimento de dois sonhos separados, o amadurecimento de dois grupos de dança e a construção de uma ponte entre realidades sociais, afetivas e culturais diferentes.

O concurso Danças do Brasil é o motor externo da narrativa. Ele acende o desejo, organiza o prazo, cria a necessidade dos ensaios, dá forma ao sonho e conduz os personagens ao clímax. O prêmio, o palco e a competição importam porque oferecem um objetivo concreto. Porém, o verdadeiro enredo é emocional: cada personagem chega ao concurso diferente de como começou.

A obra não é uma história sobre carência. É uma história sobre potência humana. Mostra a periferia como território de arte, cultura, solidariedade, criatividade e pertencimento, ao mesmo tempo em que reconhece que a arte também pulsa em bairros de classe média, estúdios, escolas, ruas e palcos. O livro não opõe mundos para escolher um vencedor. Ele une mundos para revelar que juntos somos mais fortes.

Dança Carioca deve ser lido como uma história de formação coletiva. Gui e Ariana são protagonistas, mas a vitória do livro não pertence apenas a eles. Pertence aos amigos, às famílias, aos mentores, aos que criam música, aos que organizam ensaios, aos que filmam, aos que escrevem letras, aos que dançam, aos que acreditam e aos que aprendem a pedir ajuda sem perder a própria dignidade.

2. LOGLINE, PREMISSA E SINOPSES

Logline: Quando o concurso nacional Danças do Brasil abre inscrições, dois grupos de adolescentes cariocas, separados por realidades diferentes e unidos pela paixão pela dança, descobrem que a arte pode transformar medo em coragem, diferença em encontro e sonhos individuais em conquista coletiva.

Premissa: Gui, um menino de classe média que tenta voltar à dança após enfrentar uma doença grave, e Ariana, uma menina da comunidade que ama dançar e vê no concurso uma chance de também ajudar financeiramente os pais, iniciam trajetórias paralelas rumo ao Danças do Brasil. Quando seus mundos finalmente se encontram, percebem que nenhum dos dois conseguirá realizar o sonho sozinho: será preciso unir talentos, estilos, famílias, amigos e territórios do Rio de Janeiro em uma coreografia capaz de representar muito mais do que um grupo.

Sinopse curta: No Rio de Janeiro, Gui e Ariana têm treze anos e compartilham uma paixão: dançar. Ele tenta reencontrar sua identidade depois de uma doença que o afastou dos palcos. Ela vê no Danças do Brasil uma oportunidade de viver a dança em um grande palco e de ajudar concretamente a família. Gui reúne seu grupo de dança urbana, rap e beatbox. Ariana fortalece seu grupo de passinho, escrita e audiovisual, com amigos da comunidade. Quando os caminhos se cruzam, a união entre dança urbana, passinho, rap, escrita, audiovisual e amizade mostra que a arte une mundos e que ninguém realiza sonhos sozinho.

Sinopse longa: Gui sempre se definiu pela dança. Antes da doença, bastava a música começar para que o mundo se alinhasse. Depois de meses de tratamento, hospitais e medo, a abertura das inscrições para o torneio Danças do Brasil e a perspectiva dele participar se transforma em mais do que uma pequena vitória, seria o reconhecimento de sua identidade.

Acende nele uma esperança que parecia distante: talvez ainda seja possível voltar a sonhar com um palco, uma coreografia e um futuro em movimento.

Ariana, em outra parte da cidade, dança passinho porque assim como Gui, dançar é para ela uma de suas maiores alegrias. Ela não começa a história pensando em ser símbolo de uma causa. Antes de tudo, é uma menina que deseja experimentar a emoção de participar de algo grande. O concurso também aparece como uma possibilidade concreta: se o grupo for bem, talvez exista uma premiação, uma visibilidade ou algum caminho que ajude financeiramente seus pais. Essa motivação familiar deve ser tratada com delicadeza, como desejo de contribuir, não como peso que rouba sua infância.

Enquanto Gui reencontra Tina, Caetano, Helena, Rafa, Kenji e Lucas, Ariana organiza seu próprio núcleo com Joana, Mirela, Yasmin, Osvaldo e Cristóvão, sob o olhar de Bento. Cada grupo nasce com uma linguagem própria. O núcleo de Gui traz dança urbana, rap, beatbox, disciplina técnica e criatividade de estúdio. O núcleo de Ariana traz passinho, escrita, audiovisual, humor, organização e a força afetiva da comunidade.

No início, os sonhos caminham separados. Gui quer provar a si mesmo que ainda pode dançar. Ariana quer viver a dança em um palco grande e encontrar uma chance de ajudar em casa. Pouco a pouco, a jornada amplia a consciência dos dois. Ariana percebe que, ao dançar, também carrega histórias, pessoas e talentos que raramente recebem espaço. Gui entende que a dança não acontece apenas em salas espelhadas; ela também nasce de ruas, quadras, lajes, ritmos e vínculos.

O encontro entre Gui e Ariana não apaga suas diferenças. Pelo contrário, revela o valor de cada uma delas. A dança urbana encontra o passinho. A escrita de Joana encontra as rimas de Rafa. O beatbox de Lucas conversa com os registros audiovisuais de Yasmin. A técnica de Helena dialoga com a força coreográfica de Mirela. A organização de Cristóvão encontra a criatividade de Caetano. As famílias, professores e amigos se tornam uma rede de apoio.

Quando Ariana enfrenta dificuldades financeiras e corre o risco de se afastar dos ensaios, o grupo aprende que solidariedade não é caridade humilhante. É reconhecimento de dignidade. A ajuda oferecida deve preservar a autonomia da personagem e reforçar o tema central: ninguém realiza sonhos sozinho.

No clímax, a apresentação final no Danças do Brasil não é apenas uma coreografia para vencer um concurso. É a síntese de uma travessia: dois mundos que se escutaram, muitas vozes que encontraram um ritmo comum, uma cidade inteira dançando dentro de uma mesma criação. O livro termina afirmando que os sonhos começam dentro de uma pessoa, mas crescem quando encontram outras dispostas a acreditar também.

3. O CONCURSO DANÇAS DO BRASIL

O Danças do Brasil é o maior concurso juvenil de dança do país dentro do universo do livro. Ele reúne grupos de diferentes estados, estilos e realidades, funcionando como vitrine artística, rito de passagem e objetivo concreto para os personagens. Sem o concurso, os sonhos de Gui e Ariana poderiam continuar existindo, mas talvez não encontrassem a urgência necessária para se transformar em projeto.

Para Gui, o Danças do Brasil representa a possibilidade de retomar algo que a doença interrompeu. Não se trata apenas de vencer. Participar já seria uma prova íntima de continuidade: seu corpo ainda pode criar, se mover e ele ainda pode ser feliz e não terminar num hospital.

Para Ariana, o concurso aparece primeiro como oportunidade de dançar em um grande palco e viver a experiência de fazer aquilo que ama. Ele também carrega uma esperança prática: a dela ganhar uma premiação e ajudar financeiramente os pais. A dimensão simbólica de representar a comunidade surge ao longo da jornada, quando Ariana percebe que sua dança também leva consigo um território, uma memória e uma cultura.

O Danças do Brasil organiza a estrutura dramática. Ele cria prazo, tensão, ensaio, inscrição, expectativa, medo de não conseguir, desejo de melhorar e necessidade de equipe. Também justifica o encontro dos grupos: separados, eles têm talento; juntos, podem criar algo mais forte, mais original e mais representativo.

No clímax, o concurso deve ser palco externo e espelho interno. O público assiste a uma apresentação, mas o leitor acompanha a soma de tudo o que foi vivido: a volta de Gui, a coragem de Ariana, as palavras de Joana, a dança de Mirela, as imagens de Yasmin, as rimas de Rafa, os beats de Lucas, a criatividade de Caetano, a disciplina de Helena, a organização de Cristóvão, o humor de Osvaldo e a confiança plantada por Tina e Bento.

O resultado do concurso pode ser positivo, mas a vitória principal deve ser humana. O Danças do Brasil importa porque dá visibilidade à jornada; a jornada importa porque transforma o sentido do prêmio.

4. MANIFESTO DA OBRA: A ARTE UNE MUNDOS

A arte une mundos. Esta frase deve orientar toda a escrita de Dança Carioca. Ela resume a ponte entre Gui e Ariana, entre comunidade e bairro de classe média, entre passinho e dança urbana, entre rap e coreografia, entre escrita e movimento, entre audiovisual e palco, entre sonho individual e projeto coletivo.

A arte não pertence a uma classe social. Ela não nasce apenas nos teatros, nem apenas nas ruas. Ela aparece onde existem pessoas tentando dizer algo que não cabe em palavras. Pode surgir no estúdio organizado de Tina, na quadra da comunidade de Ariana, numa roda de rima, numa laje, na janela de um hospital ou no intervalo entre uma consulta e outra.

O livro deve evitar dois riscos: romantizar a pobreza e demonizar os bairros mais privilegiados. A periferia não precisa ser idealizada para ser valorizada. Os bairros chiques não precisam ser esvaziados de humanidade para que a comunidade ganhe importância. O que a obra propõe é mais profundo: todos somos humanos, e a cultura pulsa em todos os lugares onde existem vidas em movimento.

Gui sofre, mesmo tendo uma estrutura familiar mais estável. Ariana sonha, mesmo convivendo com dificuldades materiais. A dor de um não invalida a dor do outro. A potência de um não diminui a potência do outro. Quando os dois se encontram, o livro mostra que mundos diferentes podem se enriquecer mutuamente sem que um precise engolir ou substituir o outro.

A mensagem final deve ser generosa. Dança Carioca é uma obra de união, não de ressentimento. É uma história sobre reconhecer o outro, escutar sua música, aprender seu passo e descobrir que, às vezes, a melhor coreografia nasce quando há pluralidade e respeito.

5. TEMAS CENTRAIS

O primeiro tema é a colaboração. A frase ninguém realiza sonhos sozinho não significa dependência passiva. Significa que os sonhos mais complexos exigem rede, troca, confiança e humildade. Gui e Ariana são líderes, mas líderes que precisam aprender a ouvir. O grupo só se

torna forte quando deixa de ser soma de talentos isolados e passa a funcionar como comunidade.

O segundo tema é identidade. Gui se pergunta quem é quando a doença o afasta da dança. Ariana se pergunta como manter o sonho de dançar quando a realidade financeira da família exige maturidade precoce. Joana descobre que suas palavras também dançam. Helena aprende que técnica sem escuta não basta. Yasmin percebe que registrar uma história também é participar dela. Cada personagem encontra uma forma própria de dizer: eu pertenço.

O terceiro tema é diversidade. A equipe ideal não é formada por pessoas iguais. Ela reúne estilos, origens, ritmos, corpos, personalidades e histórias. O passinho não precisa se tornar dança urbana para ser reconhecido. A dança urbana não precisa imitar o passinho para se aproximar. O rap, a escrita, o beatbox, o audiovisual, o humor, a disciplina e a emoção encontram lugar dentro de uma mesma criação.

O quarto tema é a valorização da periferia. A obra mostra que a comunidade de Ariana não é apenas um espaço marcado por falta. É território de vínculos, memórias, trabalho, brincadeira, música, grafite, comida, conversa, cuidado, talento e conhecimento. A periferia aparece como produtora de cultura, não como cenário exótico para ser observado de fora.

O quinto tema é superação sem espetáculo. Gui não precisa ser tratado como herói perfeito por enfrentar uma doença. Ariana não precisa ser tratada como mártir por enfrentar dificuldades. A superação verdadeira está nos gestos cotidianos: voltar ao estúdio, montar um grupo, pedir ajuda, aceitar apoio, ensaiar de novo, recomeçar depois do erro.

O sexto tema é arte como ponte concreta. A arte une mundos não é apenas uma frase bonita. Ela deve aparecer em ação: uma batida que aproxima, uma gravação que registra, uma letra que traduz, uma coreografia que integra, uma conversa que muda o olhar de um personagem sobre o outro.

6. O RIO DE JANEIRO COMO PERSONAGEM

O Rio de Janeiro deve ser sentido como um organismo vivo. Não é apenas o lugar onde a história acontece; é uma força que atravessa os personagens. A chuva no vidro do hospital, os trilhos do trem, a quadra da comunidade, os grafites, o pôr do sol, os sons das ruas, o movimento dos ônibus e a mistura de ritmos compõem uma cidade que dança mesmo quando ninguém está no palco.

A narrativa deve valorizar os muitos Rios. Existe o Rio das praias, dos bairros mais conhecidos e dos estúdios. Existe o Rio das comunidades, das lajes, das rodas de passinho e das famílias que se conhecem pelo nome. Existe o Rio dos trens, dos ônibus, das filas, das escolas, dos pequenos comércios e das pessoas que inventam beleza em meio à rotina. Todos esses Rios fazem parte da mesma cidade.

O encontro entre Gui e Ariana é também o encontro entre mapas afetivos. Gui conhece um Rio ligado ao estúdio, à família, aos tratamentos e ao retorno gradual à vida comum. Ariana conhece um Rio que pulsa na rua, na quadra, na vizinhança, na música que sai das casas, na observação das crianças e no desejo de ajudar os pais sem abandonar o que ama. Nenhum mapa é completo sozinho. A história nasce quando esses mapas começam a se unir.

O Rio deve aparecer com humanidade, não como cartão-postal estático. Mesmo quando a paisagem é bonita, o foco permanece nas pessoas. O pôr do sol importa porque ilumina os personagens. O trem importa porque conecta territórios. A quadra importa porque reúne a comunidade. O estúdio importa porque guarda o retorno de Gui. A cidade é um corpo em movimento, e cada personagem é um passo dentro dessa coreografia maior.

7. A PERIFERIA COMO POTÊNCIA CULTURAL

A comunidade de Ariana deve ser construída como lugar de pertencimento. Ela não é apresentada apenas pelas dificuldades econômicas, embora essas dificuldades existam e não devam ser apagadas. O equilíbrio é essencial: reconhecer problemas sem permitir que eles definam toda a experiência humana daquele território.

Ariana enxerga sua comunidade com amor e senso crítico. Ela sabe que há obstáculos, falta de oportunidades e responsabilidades precoces. Mas também vê o vendedor organizando frutas, a senhora cuidando das plantas, as crianças brincando, o jovem tocando cavaquinho, os grafites, as rodas de conversa, os ensaios improvisados e a forma como as pessoas se apoiam. Para ela, aquele lugar não é ausência. É presença.

O passinho carioca funciona como expressão dessa potência. Ele não é tratado como curiosidade folclórica nem como elemento decorativo. É linguagem, técnica, identidade e narrativa corporal. Quando Ariana dança, ela começa fazendo o que ama; com o tempo, percebe que sua dança também afirma que sua história e seu território têm valor artístico.

A presença de Bento e Tina reforça esse olhar. Bento conhece a força cultural da comunidade por dentro. Tina, ao mostrar fotografias e vídeos aos alunos do estúdio, desafia a visão limitada das manchetes. Ambos ajudam a obra a declarar que os talentos invisíveis da cidade não são menores por receberem menos holofotes.

A mensagem da obra não é que a periferia seja moralmente superior a outros territórios. A mensagem é que a periferia é humana, criativa, complexa, contraditória, afetiva e produtora de cultura. Dança Carioca valoriza esse território sem transformá-lo em propaganda. O leitor deve terminar a história percebendo que onde existe gente, existe arte.

8. OS GRUPOS E OS NÚCLEOS DA NARRATIVA

O livro é movido por dois núcleos juvenis que se formam em torno do Danças do Brasil. Cada núcleo deve ter identidade própria antes da união. A fusão só terá força se o leitor sentir que os grupos já existiam como mundos vivos, com conflitos, talentos, humores e vínculos próprios.

Núcleo de Gui: Gui, Caetano, Helena, Rafa, Kenji e Lucas, com Tina como mentora artística. Esse núcleo representa dança urbana, hip-hop, rap, beatbox, criação coletiva, técnica de estúdio e a reconstrução emocional de Gui.

Núcleo de Ariana: Ariana, Joana, Mirela, Yasmin, Osvaldo e Cristóvão, com Bento como mentor comunitário. Esse núcleo representa passinho, escrita, dança, audiovisual, humor, organização, pertencimento comunitário e o desejo de transformar um sonho em caminho concreto.

Prioriza-se Joana, Mirela e Yasmin no entorno de Ariana para fortalecer o protagonismo feminino do grupo. A união dos grupos deve preservar as diferenças. O objetivo não é transformar todos em uma equipe homogênea. O objetivo é construir uma criação em que cada pessoa continue reconhecível. A beleza da coreografia final está justamente na conversa entre linguagens.

9. GUI

Gui tem treze anos e é um menino branco de classe média carioca. Magro, de cabelos castanhos e olhar atento, carrega no corpo as marcas de uma travessia difícil. A doença não o define, mas modificou sua relação com o tempo, com o próprio corpo e com o medo. Antes

do tratamento, ele se reconhecia de maneira simples: era o garoto que dançava. Depois, precisa descobrir quem continua sendo quando a dança parece se afastar.

Sua inteligência não aparece apenas em notas escolares ou raciocínios rápidos. Gui é inteligente porque percebe pessoas. Observa silêncios, entende mudanças de humor, capta o que os amigos tentam esconder. Essa inteligência emocional faz dele um líder natural, ainda que ele nem sempre perceba. Sua liderança não nasce da imposição, mas da capacidade de reunir os outros em torno de uma ideia.

Gui é carismático, sensível e bem-humorado, mas também se cobra demais. Tem medo de decepcionar a mãe, os amigos, a professora e a si mesmo. Muitas vezes tenta parecer mais tranquilo do que realmente está. Sua ferida emocional central é o medo de perder a própria identidade. Para ele, deixar de dançar seria quase deixar de existir como se conhecia.

A relação com Bia, sua mãe, é marcada por cuidado e preocupação. Ela o protege, mas também precisa aprender a permitir que o filho retome a vida. Gabriel, o irmão mais velho, funciona como apoio e leveza. Caetano é o amigo que devolve a Gui a sensação de normalidade. Tina representa a mentoria paciente, a pessoa que entende que voltar a dançar não é apenas uma questão técnica, mas emocional.

A presença de Helena no grupo cria para Gui um contraponto importante. Ela entende técnica, disciplina e execução, e por isso pode tensionar as decisões dele de maneira produtiva. Ao conhecer Ariana, Gui encontra algo que faltava: uma visão de dança ligada ao território, ao pertencimento e à coletividade. Ariana não compete com ele em importância; ela amplia seu mundo. O arco de Gui vai do medo de não voltar a ser quem era até a descoberta de que talvez ele possa ser alguém novo, mais aberto, mais coletivo e mais inteiro.

10. ARIANA

Ariana tem treze anos e é uma menina negra da comunidade. Tem cabelos cacheados, olhar vivo, sorriso fácil e uma presença que muda o ambiente quando começa a dançar. Seu corpo parece responder à música como se estivesse conversando com ela. O passinho, para Ariana, é antes de tudo uma alegria: uma forma de sentir o mundo, brincar com o ritmo, existir com liberdade e fazer aquilo que ama.

É fundamental que a motivação inicial de Ariana seja preservada com verdade. Quando surge a oportunidade do Danças do Brasil, ela não começa pensando em representar simbolicamente a comunidade ou em valorizar o passinho diante do país. Ela vê, primeiro, uma chance de dançar em um grande palco. Vê a possibilidade de participar de algo importante, viver uma experiência maior do que sua rotina e, talvez, conquistar uma premiação ou visibilidade que possa ajudar financeiramente seus pais.

Essa motivação financeira não deve tornar Ariana adulta antes do tempo, nem reduzir sua história à necessidade. Ela continua sendo uma menina de treze anos, com entusiasmo, humor, vaidade, medo, alegria e vontade de brincar. O desejo de ajudar a família nasce do amor, não da obrigação narrativa de sofrer. A delicadeza está em mostrar que uma criança pode perceber dificuldades ao redor sem deixar de ser criança.

Ariana é criativa, corajosa e naturalmente inspiradora. Crianças menores a observam porque veem nela uma possibilidade. Os amigos a seguem porque sentem que sua coragem é contagiosa. Ariana não precisa declarar que é líder; suas atitudes fazem isso por ela. Ao longo da jornada, aquilo que começa como sonho pessoal se amplia. Ela passa a perceber que sua dança também carrega pessoas, histórias, sons e talentos de sua comunidade.

Sua ferida emocional está ligada ao peso precoce das responsabilidades. Ariana conhece a realidade financeira da família e teme que o sonho seja considerado luxo. Quando a situação aperta, a possibilidade de vender amendoim no sinal para ajudar em casa ameaça afastá-la dos ensaios. Esse conflito deve ser tratado com delicadeza, sem exploração melodramática e sem reduzir Ariana à dificuldade.

Ariana tem orgulho de sua comunidade. Ela vê beleza nas pessoas, nos sons, nos grafites, nas brincadeiras, nos pequenos comércios, na quadra e nos encontros cotidianos. Sua relação com a periferia não é de vergonha nem de idealização absoluta. É uma relação de pertencimento: ela sabe que ali existem problemas, mas também sabe que ali existe arte.

Seu arco dramático consiste em aprender que receber ajuda não diminui sua dignidade. Ariana precisa compreender que a solidariedade verdadeira não a coloca em posição de inferioridade; ela reconhece seu valor. Ao unir-se a Gui e aos demais, descobre que o sonho que nasceu nela pode continuar sendo seu, mesmo quando passa a ser compartilhado.

11. TINA

Tina é uma mulher negra, professora de dança, mentora e uma das principais pontes humanas da narrativa. Tem presença firme, tranças, voz segura e uma calma que não significa passividade. Ela observa mais do que fala e fala apenas quando sabe que suas palavras podem abrir uma porta.

Sua função na história é enxergar talentos antes que os próprios jovens consigam nomeá-los. Tina percebe em Gui não apenas um aluno que voltou depois da doença, mas um menino tentando reconstruir a própria identidade. Percebe em Ariana não apenas uma dançarina talentosa, mas uma força em formação, alguém que ama dançar e que aos poucos entenderá o alcance coletivo desse amor. Percebe no Rio não apenas separações, mas possibilidades de encontro.

Tina não é uma fada madrinha que resolve tudo. Sua importância está em criar condições para que os personagens se encontrem e cresçam por conta própria. Ela apresenta imagens, provoca perguntas, guarda mistérios, desafia certezas e conduz os jovens a descobertas. Como mentora, respeita o tempo de cada um.

Seu olhar sobre a cidade é político no sentido mais humano da palavra. Ela sabe que as manchetes costumam reduzir lugares e pessoas. Por isso insiste em mostrar o Rio como território plural, cheio de cultura, dança, música, projetos, bibliotecas, rodas e talentos. Tina é guardiã da frase: a arte une mundos.

12. CAETANO

Caetano tem treze anos e é o melhor amigo de Gui. Branco, magro, inquieto, de cabelos frequentemente bagunçados, parece carregar uma usina de ideias dentro da cabeça. Ele transforma qualquer situação em possibilidade criativa. Mesmo quando exagera, sua energia nasce do afeto.

Sua relação com Gui é uma das âncoras emocionais do livro. Caetano não trata o amigo como alguém quebrado pela doença. Ele o abraça, brinca, provoca, chama para a vida. Isso é fundamental: para Gui, ser visto como amigo e parceiro, não apenas como paciente, é parte da cura emocional.

Caetano também representa o poder da imaginação. Ele tem ideias, faz associações inesperadas e ajuda o grupo a não levar tudo de maneira rígida demais. Sua função dramática

é impedir que a história fique pesada quando o medo aparece. Ele traz movimento, riso e criatividade.

Ao longo da obra, Caetano deve amadurecer sem perder sua espontaneidade. Aprende que criatividade não é apenas inventar coisas, mas escutar o que os outros trazem e transformar diferenças em composição.

13. HELENA

Helena tem treze anos e passa a integrar oficialmente o núcleo de Gui. É uma menina branca, dançarina de dança urbana, disciplinada, técnica e muito observadora. Enquanto Caetano cria ideias em velocidade quase caótica e Gui lidera com sensibilidade, Helena representa foco, precisão e execução.

Ela não entra na história apenas para equilibrar o grupo em gênero. Helena precisa ser uma personagem inteira. É competitiva, mas não arrogante. Gosta de fazer bem feito e se incomoda quando o grupo improvisa demais sem consolidar a base. Pode parecer exigente à primeira vista, mas sua cobrança nasce do compromisso com a arte e com os amigos.

A presença de Helena cria conflitos produtivos. Ela pode questionar ideias de Caetano, pedir mais clareza a Gui e tensionar a integração com o passinho quando sentir que a coreografia está perdendo acabamento. Esses atritos não devem transformá-la em antagonista. Pelo contrário: ela ajuda o grupo a crescer porque lembra que emoção também precisa de forma.

No arco da história, Helena aprende que a melhor apresentação não é a mais perfeita tecnicamente, mas a que consegue unir verdade, precisão e escuta. Ao encontrar Mirela, pode nascer uma relação de admiração e leve rivalidade artística: duas meninas fortes, cada uma excelente em sua linguagem, descobrindo que podem aprender uma com a outra.

14. JOANA

Joana tem treze anos, é branca, observadora e apaixonada por palavras. Na versão consolidada da Bíblia, ela pertence ao núcleo de Ariana. Carrega cadernos como quem carrega instrumentos musicais. Enquanto os outros dançam, ela também dança por dentro, organizando sentimentos em frases, imagens e possíveis letras.

Sua função é ser a consciência poética do grupo. Joana percebe o sentido das coisas antes que elas sejam explicadas. Quando escreve frases como se capturasse o espírito de uma cena, ela ajuda o leitor a compreender a camada simbólica da história. A dança do grupo precisa do corpo, mas também precisa da palavra. Joana oferece essa ponte.

Ela não deve ser retratada como uma menina tímida sem ação. Sua força está na escuta e na capacidade de nomear emoções. Ao se aproximar de Rafa, Kenji e Lucas, sua escrita encontra a musicalidade do rap, permitindo que suas frases deixem o caderno e cheguem ao som.

O arco de Joana é sair do lugar de quem apenas observa para assumir que suas palavras também fazem parte da coreografia coletiva. Ela aprende que escrever é uma forma de participar.

15. MIRELA

Mirela tem quatorze anos, é negra e uma das melhores dançarinas da comunidade. Sua presença fortalece o núcleo feminino de Ariana e eleva o nível técnico do grupo de passinho.

Quando dança, passa a sensação de que o ritmo atravessa o corpo inteiro antes de se transformar em movimento.

Diferente de Ariana, que lidera pessoas com facilidade, Mirela se expressa principalmente pela dança. Ela não precisa falar muito para ser notada. Sua técnica, sua disciplina e sua precisão fazem com que os outros respeitem seu talento. Pode ser exigente consigo mesma e, às vezes, guardar inseguranças por trás da competência.

Mirela ajuda Ariana a aprender uma lição importante: liderança não significa ser a melhor em tudo. Uma líder verdadeira reconhece talentos, abre espaço e permite que outras pessoas brilhem. A presença de Mirela torna o grupo mais forte justamente porque Ariana não precisa ocupar todos os lugares.

Na relação com Helena, Mirela pode encontrar um espelho artístico de outro mundo. As duas são disciplinadas, fortes e muito boas tecnicamente, mas vêm de linguagens diferentes. A aproximação entre elas pode revelar que excelência também aprende quando se mistura.

16. YASMIN

Yasmin tem treze anos, é parda e representa o audiovisual dentro do núcleo de Ariana. Vive registrando ensaios, criando pequenos vídeos, observando enquadramentos e percebendo detalhes que os outros só notam depois. Para ela, a arte não acontece apenas no palco; também acontece no olhar de quem registra.

Yasmin fortalece a dimensão transmídia da obra. É uma personagem perfeita para conectar a narrativa aos QR Codes, aos bastidores das coreografias e à memória visual do grupo. Ela pode filmar erros engraçados, pequenas vitórias, conversas na quadra e momentos que depois se tornam preciosos para todos.

Sua função dramática é lembrar que uma história também precisa ser guardada. Enquanto Joana registra em palavras, Yasmin registr’a em imagem. As duas podem formar uma parceria bonita: uma escreve o que sente, a outra captura o que acontece. Juntas, ampliam a ideia de que a arte tem muitas linguagens.

Yasmin também ajuda a mostrar uma juventude criativa e conectada, capaz de usar tecnologia sem perder vínculo com a comunidade. Seu olhar deve ser afetivo, não apenas técnico. Ela filma porque ama fazer parte, porque entende que aquilo que o grupo está construindo merece ser lembrado.

17. OSVALDO

Osvaldo é negro, tem quatorze anos e dança mais no improviso do que na coreografia. Um sorriso que chega antes das palavras. Bem-humorado, espontâneo e afetuoso, usa o riso como forma de aproximar pessoas. Em muitos momentos, parece brincar para evitar que o peso da vida fique grande demais.

Sua função dramática é ser o coração emocional do grupo da comunidade. Quando as coisas ficam tensas, Osvaldo quebra a rigidez. Quando alguém se sente inseguro, ele torna o ambiente menos ameaçador. Sua leveza não deve ser confundida com superficialidade. Por trás do humor existe sensibilidade.

A relação com Cristóvão, seu irmão, oferece um contraste rico. Osvaldo improvisa, Cristóvão organiza. Osvaldo sente primeiro, Cristóvão planeja primeiro. Juntos, mostram que uma equipe precisa de emoção e estrutura.

Ao longo da narrativa, Osvaldo pode aprender que também tem direito a ser levado a sério. O humor é sua força, mas não precisa esconder suas inseguranças. Quando o grupo reconhece sua importância, ele amadurece sem perder a alegria.

18. CRISTÓVÃO

Cristóvão tem quinze anos, é negro, irmão de Osvaldo e representa a organização dentro do grupo de Ariana. Tem postura mais madura que os demais e o hábito de pensar em horários, metas, ensaios, responsabilidades e possibilidades concretas. Se Osvaldo transforma medo em riso, Cristóvão transforma sonho em plano.

Sua função é lembrar que inspiração precisa de estrutura. Ele não apaga a espontaneidade do grupo; ajuda a protegê-la do caos. Sem Cristóvão, o sonho de Ariana poderia se dispersar. Com ele, começa a ganhar forma.

O risco do personagem é parecer rígido demais. Por isso, é importante revelar sua ternura. Cristóvão organiza porque se importa. Cobra porque acredita. Pergunta detalhes porque quer que o grupo tenha chance real. Sua disciplina nasce do desejo de ver o sonho acontecer.

Ao longo da obra, Cristóvão deve aprender que nem tudo pode ser controlado. A arte também precisa de surpresa, erro e improviso. Seu arco é descobrir equilíbrio entre planejamento e confiança.

19. BENTO

Bento é um educador, produtor cultural ou articulador comunitário ligado a projetos sociais. Pardo, adulto de meia-idade, tem fala calma e olhar atento. É alguém que aprendeu a enxergar potência onde muitas pessoas veem apenas problema.

Sua relação com Ariana é de incentivo. Ele não a trata como exceção milagrosa, mas como parte de um território cheio de talentos. Bento entende que a comunidade precisa de oportunidades, não de pena. Por isso, sua presença reforça o princípio de dignidade da obra.

Bento também funciona como ponte entre o grupo da comunidade e os demais núcleos. Ao mencionar Gui para Ariana e reconhecer semelhanças entre os dois, ele prepara emocionalmente o encontro. Sua visão é ampla: sabe que pessoas diferentes podem construir algo maior quando se escutam.

Bento deve ser guardião do olhar social humanizado. Ele não transforma dificuldade em espetáculo, mas também não a ignora. Sua ética é a do reconhecimento: cada jovem precisa ser visto em sua inteireza.

20. BIA E GABRIEL

Bia é mãe de Gui. Branca, adulta, amorosa e protetora, viveu com o filho o impacto da doença e do tratamento. Sua força aparece no cuidado cotidiano: consultas, esperas, conversas, silêncios, café da manhã, olhar atento. Ela percebe quando Gui pensa demais antes mesmo que ele consiga falar.

O desafio de Bia é permitir que Gui volte a se arriscar. Proteger foi necessário durante a doença, mas a vida exige movimento. Sua jornada como mãe é aprender a trocar o medo pela confiança gradual. Ela não deixa de se preocupar; apenas compreende que o filho precisa dançar para voltar a existir plenamente.

Gabriel é o irmão mais velho de Gui, branco, inteligente, bem-humorado e protetor sem ser sufocante. Ele pesquisa o regulamento do concurso, provoca, brinca e oferece apoio. Sua

presença mostra que a família de Gui não é definida apenas pela doença; ainda há humor, rotina e cumplicidade.

Bia e Gabriel formam o núcleo de segurança de Gui. Eles não substituem seus amigos nem sua professora, mas garantem que ele tenha uma base afetiva para tentar novamente.

21. RAFA, KENJI E LUCAS

Rafa tem treze anos, é negro e ligado ao rap e ao improviso. Comunicativo e carismático, traz para o grupo a força da palavra falada, da rima e da presença de voz. Sua energia ajuda a transformar sentimentos coletivos em música.

Kenji tem treze anos, é branco, descendente de japoneses pelo avô, sociável e agregador. Tem facilidade para circular entre pessoas, criar refrões, aproximar ideias e manter o grupo conectado. Representa uma diversidade carioca que vai além dos estereótipos mais óbvios. Ele faz paceria com o Rafa no Rap.

Lucas tem treze anos, é pardo, criativo e profundamente musical. Seu beatbox e sua percepção rítmica ajudam a construir a identidade sonora da equipe. Ele entende que ritmo não é apenas acompanhamento; é estrutura emocional.

Os três ampliam a linguagem da obra. Dança Carioca não é apenas sobre dança como movimento, mas sobre corpo, voz, palavra e som. Rafa, Kenji e Lucas tornam visível que a coreografia final precisa ser uma experiência completa.

22. RELAÇÕES FUNDAMENTAIS

Gui e Ariana formam o eixo simbólico do livro. Eles não precisam se tornar par romântico para que a relação seja intensa e transformadora. A força do vínculo está no reconhecimento: um vê no outro uma paixão semelhante atravessada por circunstâncias diferentes. Eles são espelhos e pontes.

Gui e Caetano representam a amizade que devolve normalidade. Caetano não permite que Gui seja reduzido à doença. Gui e Helena representam a tensão produtiva entre liderança emocional e exigência técnica. A presença de Helena ajuda Gui a amadurecer como líder, porque ele precisa escutar críticas sem sentir que está falhando.

Ariana e Joana representam a parceria entre movimento e palavra. Ariana dança, Joana traduz em linguagem verbal aquilo que o grupo sente. Ariana e Mirela representam a relação entre liderança e excelência técnica. Ariana e Yasmin representam a ligação entre presença e memória: uma dança, a outra registra.

Ariana e Bento expressam a relação entre talento e oportunidade. Bento não cria o talento de Ariana; apenas ajuda a abrir espaço para que ele seja visto. Gui e Tina expressam a confiança entre aluno e mentora. Tina entende que cada passo de Gui carrega algo maior que técnica.

Helena e Mirela podem construir uma das relações mais interessantes da segunda metade. As duas são meninas fortes, competentes e exigentes, mas vêm de contextos e linguagens diferentes. A aproximação delas ajuda a obra a mostrar que a união dos mundos também acontece entre meninas que se reconhecem como artistas.

Os grupos, quando se unem, não devem se fundir apagando diferenças. O ideal é que cada personagem preserve sua marca. A coreografia final deve parecer uma conversa entre identidades, não uma padronização. A beleza nasce justamente da escuta entre linguagens.

23. ESTRUTURA DOS CAPÍTULOS 1 A 10

Prólogo - Acredite: Tudo Pode Mudar!: Apresenta Gui no hospital, a chuva, a doença e a notícia do concurso. Estabelece a dor da interrupção e a esperança do retorno. Também antecipa Ariana como outra ponta do mesmo sonho.

Capítulo 1 - Sonhos São Como Estrelas: Ariana apresenta sua comunidade, sua relação com o passinho e a alegria de dançar. O concurso surge como possibilidade concreta de viver a dança em um grande palco e, talvez, abrir caminhos para ajudar a família.

Capítulo 2 - Uma Pequena Vitória: Gui volta ao estúdio. O capítulo mostra que retornar à dança é uma vitória emocional, não apenas física. Caetano, Tina e o núcleo de Gui devem acolhê-lo sem reduzi-lo à doença.

Capítulo 3 - Em Busca de um Grupo: Ariana começa a formar seu grupo. O núcleo principal deve priorizar Joana, Mirela, Yasmin, Osvaldo e Cristóvão. As recusas iniciais podem permanecer como demonstração de que a juventude da comunidade também carrega responsabilidades reais.

Capítulo 4 - Uma Ideia Diferente: Tina começa a provocar a turma de Gui a olhar além do próprio mundo. O vídeo de Ariana introduz uma presença que ainda não foi encontrada pessoalmente, mas já altera a direção da narrativa.

Capítulo 5 - O Grupo da Ariana: O sonho ocupa a casa, a sala e a rotina. O grupo erra, ri, tenta de novo e percebe que coragem está no começo. Mirela e Yasmin são incorporadas aos ensaios e às funções do grupo.

Capítulo 6 - Muito Além das Manchetes: Tina mostra imagens do Rio como território plural. O capítulo explicita a crítica ao olhar limitado da mídia e apresenta a cultura periférica como parte essencial da cidade.

Capítulo 7 - Onde Mora o Passinho: Ariana ouve falar de Gui através de Bento. A curiosidade nasce antes do encontro, criando uma ligação invisível entre os dois sonhos.

Capítulo 8 - Procurando Algo Maior: Gui vê mais claramente o vídeo de Ariana e entende que dança também é comunidade, pertencimento e confiança. O nome Ariana passa a existir dentro de seu imaginário.

Capítulo 9 - Uma Menina Chamada Ariana: Deve aprofundar o impacto de Ariana no olhar de Gui e preparar emocionalmente o encontro. É o capítulo em que ela deixa de ser apenas imagem distante e passa a representar uma possibilidade real de transformação.

Capítulo 10 - Quando Dois Mundos Dançam: O encontro deve ser tratado como culminância emocional dos capítulos anteriores. Não é apenas uma apresentação entre personagens. É o momento em que o tema do livro se torna visível: a arte une mundos.

24. PLANEJAMENTO DOS CAPÍTULOS 11 A 20

Capítulos 11 e 12 – Dois Mundos em Choque

Os primeiros ensaios revelam diferenças de ritmo, linguagem e método entre os grupos. Helena estranha a informalidade da turma de Ariana, enquanto Mirela questiona a rigidez técnica do núcleo de Gui. Os conflitos são leves, mas reais. Gui e Ariana começam a se aproximar ao tentar manter a equipe unida.

Capítulos 13 e 14 – Criando Algo Novo
O grupo decide construir uma apresentação que misture passinho, dança urbana, rap e histórias do Rio. Joana inicia as letras, Rafa, Kenji e Lucas trabalham na música, e Yasmin registra os bastidores. Durante os ensaios, Gui apresenta sintomas preocupantes e exames alterados levantam a possibilidade de retorno da doença. Ariana percebe seu medo antes dos demais.

Capítulos 15 e 16 – Medos e Coragem
Enquanto Gui enfrenta a incerteza sobre sua saúde e precisa decidir continuar apesar do medo, Ariana vê sua situação financeira piorar e passa a correr o risco de abandonar os ensaios para ajudar a família. A rede formada por pais, professores e amigos cria uma solução que preserva sua dignidade. Os dois aprendem que aceitar apoio também é uma forma de coragem.

Capítulos 17 e 18 – Uma Só Voz
A equipe finalmente compreende que suas diferenças são sua maior força. A apresentação passa a contar a história de dois mundos que aprendem a caminhar juntos. Helena, Mirela, Joana, Yasmin e os demais encontram seu lugar na criação. Surge a verdadeira identidade do grupo Dança Carioca.

Capítulos 19 e 20 – O Grande Palco
No Danças do Brasil, cada integrante vive seu momento de superação. A apresentação emociona público e jurados por sua originalidade, união e verdade. O grupo conquista o primeiro lugar, Ariana consegue ajudar sua família e Gui recebe a notícia de que está curado, embora precise manter acompanhamento médico regular.

Epílogo – O Próximo Passo
Quando todos acreditam que o sonho terminou com a vitória, o Ministério da Cultura anuncia a criação da primeira Escola Nacional de Danças do Brasil. O grupo Dança Carioca é convidado para integrar a turma inaugural. Eles percebem que a maior aventura de suas vidas está apenas começando.

25. GUIA DE TOM E LINGUAGEM

A linguagem deve ser juvenil, clara, afetiva e cinematográfica. O texto pode ter humor, emoção e imagens poéticas, mas deve evitar excesso de explicação. Os personagens precisam soar como adolescentes inteligentes, não como adultos disfarçados. A profundidade emocional deve surgir das cenas.

A alternância de primeira pessoa entre Gui e Ariana é essencial. A voz de Gui tende a ser introspectiva, observadora, atravessada por medo e esperança. A voz de Ariana é viva, sensorial, ligada ao movimento da comunidade, à alegria de dançar e ao desejo de ajudar a família sem abandonar a própria infância. Ambos podem ser poéticos, mas cada um a partir de seu mundo.

O humor deve ser natural. Caetano, Osvaldo, Lucas e outros personagens podem aliviar a tensão, mas sem transformar a história em comédia. O riso tem função humana: permite que os personagens respirem.

A emoção deve evitar melodrama. Em vez de dizer que uma cena é emocionante, a narrativa deve mostrar gestos: um silêncio, uma mão suada, um olhar para a quadra, uma frase escrita no caderno, uma mãe percebendo o medo do filho, um grupo errando e recomeçando.

26. SIMBOLOGIA E MOTIVOS RECORRENTES

A chuva simboliza travessia, pausa e recomeço. No prólogo, ela acompanha Gui no hospital e prepara a ideia de que a vida pode mudar de direção. As estrelas simbolizam sonhos distantes, especialmente no universo de Ariana. Mesmo quando parecem inalcançáveis, continuam mostrando caminho.

Os trilhos e trens simbolizam conexão entre territórios. A quadra representa pertencimento comunitário. O estúdio representa reconstrução técnica e emocional. Os grafites representam memória visual da cidade. A câmera de Yasmin pode se tornar símbolo de registro, memória e permanência. A música representa aquilo que une antes mesmo que as palavras consigam explicar.

A dança é o símbolo central. Ela é corpo, linguagem, cura, desafio, identidade e ponte. Cada personagem dança de uma forma, mesmo aqueles que não executam passos: Joana dança com palavras, Lucas com ritmo, Yasmin com imagens, Cristóvão com organização, Bento com olhar social, Tina com mentoria.

27. QR CODES, MÚSICA E EXPANSÃO TRANSMÍDIA

Os QR Codes devem ampliar a experiência do leitor sem substituir a força literária da cena. Cada QR Code precisa aparecer depois que a emoção narrativa já foi construída. O leitor deve querer assistir porque se importou com os personagens, não porque o texto depende do vídeo para funcionar.

O QR Code Voltei a Dançar marca o retorno de Gui ao estúdio. O QR Code Primeiros Passos mostra o nascimento do grupo de Ariana. O QR Code Voltar a Voar pode acompanhar uma virada emocional de superação. Outros QR Codes futuros podem apresentar a fusão entre passinho, dança urbana e rap.

Yasmin fortalece organicamente essa dimensão. Ela pode ser a personagem que registra ensaios, erros, bastidores e pequenas vitórias, criando uma justificativa narrativa para a existência dos vídeos. A música deve dialogar com os arcos dos personagens. Letras e batidas podem nascer dentro da própria narrativa, especialmente através de Joana, Rafa, Kenji e Lucas. Isso cria unidade entre livro, dança e audiovisual.

28. POTENCIAL EDITORIAL E AUDIOVISUAL

Dança Carioca possui forte potencial para escolas, projetos culturais, oficinas de dança, clubes de leitura, bibliotecas e adaptações audiovisuais. O tema é juvenil, mas alcança leitores adultos pela dimensão emocional: doença, superação, pertencimento, desigualdade, arte, família e colaboração.

O diferencial comercial está na combinação entre romance juvenil, cultura carioca, QR Codes, dança, música e mensagem social positiva. A obra pode gerar apresentações, vídeos, trilhas, campanhas em escolas e projetos de incentivo à leitura.

Para uma adaptação audiovisual, a força está no contraste visual entre estúdio e quadra, hospital e palco, rua e ensaio, silêncio e batida. Personagens como Helena, Mirela e Yasmin ampliam o equilíbrio do elenco e oferecem novas possibilidades visuais: técnica, dança,

câmera, bastidores e rivalidades criativas saudáveis. O roteiro deve preservar o coração da obra: não é apenas uma competição de dança, é a história de como a arte ajuda pessoas a se encontrarem.

29. REGRAS DE CONTINUIDADE

Gui e Ariana têm treze anos. A narrativa é alternada em primeira pessoa. O tema central é ninguém realiza sonhos sozinho. O lema simbólico é a arte une mundos. O talento não tem CEP deve aparecer como princípio, mas sem virar discurso repetitivo.

Ariana não deve começar a história com uma consciência plena de representação cultural. Sua motivação inicial é dançar, viver a experiência do Danças do Brasil e enxergar uma possibilidade de ajudar financeiramente seus pais. A percepção de que sua dança também valoriza o passinho e a comunidade deve crescer ao longo da narrativa.

O núcleo de Gui passa a incluir Helena. O núcleo de Ariana passa a incluir Joana, Mirela e Yasmin. João não é mais personagem central do núcleo de Ariana nesta Bíblia consolidada. Caso permaneça em versões anteriores, sua função deve ser revista para não gerar conflito com a nova estrutura.

A periferia deve ser valorizada como potência cultural, sem romantizar pobreza. Os bairros mais privilegiados também devem ser humanizados, sem caricatura. A doença de Gui deve ser tratada com sensibilidade, sem transformar o personagem apenas em sua condição.

A ajuda financeira organizada para Ariana deve ser escrita como rede de apoio e reconhecimento, não como salvamento humilhante. Tina e Bento devem orientar sem roubar protagonismo dos jovens.

A coreografia final precisa integrar passinho, dança urbana, rap, beatbox, escrita, audiovisual e expressão coletiva. O grupo final deve representar diversidade de gênero, etnia, classe, talento e linguagem artística. A vitória principal é humana, mesmo que o resultado do concurso seja positivo.

30. FICHAS LITERÁRIAS DE CONTINUIDADE

Gui deve ser lembrado sempre como um menino em reconstrução, não como um paciente definido pela doença. Sua cor é branca, sua idade é treze anos e sua origem social é de classe média carioca. Essas informações ajudam a situá-lo, mas não resumem sua humanidade. O essencial é sua busca por identidade, sua inteligência emocional e sua capacidade de liderança sensível.

Ariana deve ser lembrada sempre como uma menina negra, de treze anos, moradora da comunidade e profundamente ligada ao passinho. Sua origem social deve aparecer com verdade, mas nunca como prisão narrativa. Ela ama dançar antes de ser símbolo de qualquer mensagem. Sua potência nasce justamente dessa humanidade concreta: menina, filha, amiga, líder, artista em formação.

Helena deve ser lembrada como menina do núcleo de Gui, dançarina de dança urbana, técnica, disciplinada e competitiva na medida certa. Mirela deve ser lembrada como menina negra do núcleo de Ariana, excelente dançarina, referência técnica do passinho. Yasmin deve ser lembrada como menina parda, ligada ao audiovisual, responsável por registros e memória visual do grupo. Joana deve ser lembrada como menina branca, escritora e compositora, pertencente ao núcleo de Ariana.

Tina deve manter a função de mentora e ponte. É mulher negra, adulta, professora de dança, dona de uma autoridade serena. Bento deve manter a função de mentor comunitário e olhar social humanizado. Nenhum dos dois deve resolver os conflitos dos jovens antes que eles possam crescer.

Caetano, Osvaldo, Cristóvão, Rafa, Kenji e Lucas devem ser escritos como pessoas inteiras, não como funções. Cada um possui uma contribuição para a equipe, mas também deve carregar humor, contradições, inseguranças e momentos de descoberta. O grupo final só será convincente se cada personagem parecer necessário.

As características de cor, idade e origem dos personagens devem servir à diversidade humana do Rio de Janeiro. Elas não devem ser usadas como etiquetas rígidas, mas como parte do mosaico cultural que a obra celebra. A pergunta de continuidade deve ser sempre: esta informação aprofunda a humanidade do personagem ou apenas o reduz?

31. GLOSSÁRIO AFETIVO DA OBRA

Arte: linguagem que permite aos personagens dizer o que ainda não conseguem explicar. Em Dança Carioca, arte é corpo, palavra, som, imagem, encontro e coragem.

Dança: movimento que organiza o mundo interno dos personagens. Para Gui, é retorno à identidade. Para Ariana, é alegria, desejo, possibilidade e, depois, afirmação de território. Para o grupo, é construção coletiva.

Comunidade: espaço de vida, vínculo, trabalho, criatividade, dificuldade, alegria, memória e futuro. Nunca deve ser reduzida a cenário de pobreza.

Estúdio: espaço de técnica, cuidado e reencontro. É onde Gui começa a voltar a si mesmo e onde Tina planta a ideia de que o mundo da dança precisa ser maior do que uma sala espelhada.

Palco: lugar de visibilidade. O palco final deve mostrar ao público aquilo que os personagens já descobriram no caminho: a arte une mundos e faz a cidade inteira dançar dentro de um mesmo sonho.

Sonho: desejo que começa individual, mas só amadurece quando encontra responsabilidade, amizade e colaboração. Sonho, nesta obra, não é fuga da realidade; é uma maneira de transformá-la.

Concurso: motor externo da narrativa. O Danças do Brasil dá forma ao desejo, mas não substitui a jornada humana que acontece antes do palco.

Câmera: olhar de memória. Com Yasmin, o registro audiovisual se torna parte afetiva da história, não apenas recurso tecnológico.

FRASE-GUIA FINAL

A arte une mundos. Os sonhos unem pessoas. E ninguém realiza sonhos sozinho.

Esta frase deve permanecer como bússola da obra. Sempre que uma cena, capítulo ou decisão de continuidade gerar dúvida, a pergunta principal deve ser: isto aproxima os mundos, aprofunda a humanidade dos personagens e fortalece a ideia de que os sonhos crescem quando são compartilhados? Se a resposta for sim, a cena pertence a Dança Carioca.